

FILOSOFIA PRÉ-SOCRÁTICA E ONTOPSICOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE AS PRIMEIRAS BASES FILOSÓFICAS DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA¹

Breno Prado da Silva²

Resumo: A Ontopsicologia foi elaborada a partir da experiência clínica, mas anterior a essa passagem de formalização histórica há outras corroborantes, feitas por outros autores, cientistas e filósofos. Trata-se da natural evolução do pensamento humano ao longo dos séculos, e de como o trabalho de cada grande homem fornece subsídio para os próximos que virão para chegarem mais longe. Essa evolução legou um caminho intelectual percorrido até certo ponto, o qual, em alguma medida, preparou o terreno onde germinou a Ciência Ontopsicológica. Assim, este artigo visa estudar algumas das principais passagens de evolução da inteligência humana em correlações entre o pensamento pré-socrático de mais de 2000 anos atrás e a atual Ontopsicologia. Metodologicamente, trata-se de pesquisa exploratória e qualitativa, com método bibliográfico. Como resultados, obtiveram-se diversas correlações apontadas por Antonio Meneghetti e Margherita Carotenuto, bem como se realizaram aprofundamentos no entendimento dessas correlações utilizando-se de autores da história da Filosofia, como Werner Jaeger e Miguel Spinelli, e aplicando-se análise intelectual-racional.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Filosofia; Pré-Socráticos; evolução do pensamento humano.

Pre-Socratic Philosophy and Ontopsychology: a study on the first philosophical bases of Ontopsychological Science

Abstract: Ontopsychology was developed based on clinical experience, but prior to this passage of historical formalization there were other corroborators, made by other authors, scientists and philosophers. It is about the natural evolution of human thought over the centuries, and how the work of each great man provides support for those who will come to go further. This evolution left an intellectual path followed to a certain extent, which, to some extent, prepared the ground where Ontopsychological Science germinated. Thus, this article aims to study some of the main passages in the evolution of human intelligence in correlations between pre-Socratic thought from more than 2000 years ago and current Ontopsychology. Methodologically, this is exploratory and qualitative research, with a bibliographic method. As results, several correlations pointed out by Antonio Meneghetti and Margherita Carotenuto were obtained, as well as deepening the understanding of these correlations using authors from the history of Philosophy, such as Werner Jaeger and Miguel Spinelli, and applying intellectual-rational analysis.

Keywords: Ontopsychology was developed based on clinical experience; Ontopsychology; Philosophy; Pre-Socratics; evolution of human thought.

Filosofía Presocrática y Ontopsicología: un estudio sobre las primeras bases filosóficas de la Ciencia Ontopsicológica

Resumen: La ontopsicología se desarrolló a partir de la experiencia clínica, pero previo a este paso de formalización histórica hubo otros hallazgos que la corroboran, realizados por otros autores, científicos y filósofos. Se trata de la evolución natural del pensamiento humano a lo largo de los siglos y de cómo el trabajo de cada gran hombre brinda apoyo a quienes vendrán para llegar más lejos. Esta evolución dejó un camino intelectual seguido en cierta medida, que en cierta medida preparó el terreno donde germinó la Ciencia

¹ Originalmente elaborado como requisito para aprovação na disciplina Projeto Pequena Tese I, no ano de 2018. Posteriormente revisado e publicado em SILVA, B. P.; SILVA, B. F. Filosofia Pré-Socrática e Ontopsicologia: uma fundamentação filosófica. In: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI (Org.). **Ontopsicologia**: ciência interdisciplinar – Volume IV. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2019. Finalmente, revisado para publicação na presente edição da Revista Brasileira de Ontopsicologia.

² Graduando em Ontopsicologia (AMF). E-mail: brenopradodasilva@gmail.com.

Ontopsicológica. Así, este artículo pretende estudiar algunos de los principales pasajes de la evolución de la inteligencia humana en las correlaciones entre el pensamiento presocrático de hace más de 2000 años y la Ontopsicología actual. Metodológicamente se trata de una investigación exploratoria y cualitativa, con método bibliográfico. Como resultados se obtuvieron varias correlaciones señaladas por Antonio Meneghetti y Margherita Carotenuto, además de profundizar en la comprensión de dichas correlaciones utilizando autores de la historia de la Filosofía, como Werner Jaeger y Miguel Spinelli, y aplicando el análisis intelectual-racional.

Palabras clave: Ontopsicología; Filosofía; Presocráticos; evolución del pensamiento humano.

1 Introdução

O presente artigo adota o seguinte problema de pesquisa: estudar passagens por meio das quais a filosofia pré-socrática constitui-se uma base de saber filosófico para a Ontopsicologia. Uma vez que da Filosofia pode-se colher muitos bons frutos – especialmente para a inteligência e para o íntimo de cada pessoa –, este escrito visa trazer não apenas conhecimento teórico, mas, também, partes de sabedoria milenar que pode ser atuada na experiência diária de cada pessoa que busca o melhor na vida. Com isso, parte-se não de um dever moral, legal, da cultura ou do que se aprendeu ao longo da vida, mas da ética de natureza, de acordo com a qual o homem nasce para prover a si mesmo, realizar-se conforme a sua própria natureza.

A Ciência Ontopsicológica escreve-se não apenas como estudo científico da psique, mas também como *filosofia verdadeira*, dentre outros campos de aplicação. O método ontopsicológico é denominado bi-lógico (indutivo-dedutivo com aporte das descobertas da Ontopsicologia) (Meneghetti, 2010), e a sua técnica intelectual-racional é chamada racionalidade ontológica (Meneghetti, 2014). Segundo o autor, a filosofia, quando verdadeira, constitui-se racionalidade ontológica (Meneghetti, 2014).

No viés da pesquisa filosófica-ontopsicológica, podem ser encontrados também diversos outros autores e escritos recentes, como Cangelosi (2023),

Vidor (2023), Silva (2023), Oliveira e Silva (2022), Rockhenbach e Vidor (2022), Souza (2022), Zenorini (2021), Neu e Machado (2020). Estes são aqui mencionados como modo de reforçar a justificativa do interesse acadêmico por temas filosóficos-ontopsicológicos de pesquisa, bem como, para servir de indicação para estudos adicionais em Filosofia e Ontopsicologia.

Enquanto ciência da psique, a Ontopsicologia inscreve-se no filão das psicologias humanista e existencial e pressupõe integralmente a pesquisa psicanalítica ortodoxa, tratando de ambas as questões, mas buscando conhecer o homem tal qual ele é *a priori*, ou seja, em modo anterior às diversas convenções culturais ou situações históricas (Meneghetti, 2010). A filosofia entra também neste aspecto: o estudo do homem a priori. Por meio da racionalidade ontológica, sobretudo realizada com método ontopsicológico, chega-se naturalmente a distinguir a *essência* do *acidente*, isto é, distingue-se a alma humana de tudo aquilo que é ocasionalidade histórica. O ocasional pode ser ruim, mas a fonte da força e da vida jamais pode ser ruim, de outro modo, ocorreria o nada (Meneghetti, 2014).

A palavra “ontopsicologia”, cunhada por Skinner, Rogers, May, Maslow, Sutich, em uma reunião em Paris, em 1956 (Meneghetti, 2021), significa estudo da psique baseada ou considerando-se o ser. Por “ser” entende-se o original do homem, ou ainda, aquilo que Husserl denominou “Eu originário”. Nesse

âmbito do estudo do real humano, Meneghetti (2009, p. 77) afirma:

O estudo da psique³, como o conhecemos hoje, é muito diferente daquele desenvolvido na Antiguidade pelos pesquisadores de toda grande cultura. Todas as civilizações antigas se ocuparam da Grande Psicologia, ou melhor, da pesquisa profunda de respostas às urgências metafísicas do homem.

Deste modo, ele introduz um conhecimento já consolidado, mas com uma abordagem bastante autêntica: a filosofia antiga como base de sabedoria humana e geral – embora contrastante com a cultura positivista que se tornou predominante nos séculos mais recentes. Em especial a pré-socrática, pois se o ser humano é fruto e parte integrante da natureza, nada mais sábio que se estude a natureza tal qual ela é antes das convenções sociais. Assim, este estudo exploratório pode ser um ponto de partida para o desenvolvimento de qualquer entendimento profundo acerca de algo que integre a *phýsis*, incluindo o próprio homem e tudo aquilo que se considera que está *além da phýsis*, isto é, de tudo aquilo que se considera que é *metaphysis*.

Além do mais, como Ontopsicologia é ontologia aplicada ao estudo e desenvolvimento do homem, deve-se entender, ao menos em linhas gerais, o que é a ontologia (ou metafísica). Meneghetti (2014, p. 23) afirma que metafísica (do grego, significa além daquilo que é físico ou além da natureza física) é “a racionalidade elementar que se refere ao ser”, e que a “ontologia pura é

metafísica”. Esse conceito pode parecer confuso à primeira vista, mas, considerando que *onto* vem do grego *ontos*, que significa *do ser*, que esse *ser* se refere à ação de ser, ao fato de ser, e que as aparências mudam (logo, *estão*) e as essências ou ordens da vida não mudam (logo, *são*), entende-se prontamente que a ontologia é o estudo das essências, da ordem da natureza, ou seja, é o estudo daquilo que *é*. Em outras palavras, é o estudo que levou Parmênides e Protágoras às suas célebres conclusões; respectivamente: “*O ser é, o não-ser não é*” e “o homem é a medida de todas as coisas, *daquelas que são pelo que são, daquelas que não são pelo que não são.*”

Ontologia, de acordo com o Dicionário de Ontopsicologia (Meneghetti, 2021, p. 198), é o “discurso, racionalidade, critério atinente ao real, ao ser e a qualquer fenômeno seu”. Isso significa que o estudo ontológico é aquele voltado à verdade intrínseca de cada individuação do ser, fenômeno ou intencionalidade, e ao próprio ser. Assim sendo, abrange tudo aquilo que existe e tudo aquilo que é, sendo, portanto, um estudo tanto metafísico quanto físico.

Em Direito, Consciência, Sociedade, Meneghetti (2009) discursa sobre a relação entre ontologia e Ontopsicologia (capítulo 5). O autor principia-se pelo esclarecimento acerca das apropriações culturais: ontologia do direito, ontologia da política, ontologia da medicina, dentre outras, afirmando que são modos linguísticos, não a ontologia de fato. Esta, por sua vez, é perene “conhecimento elementar à percepção: esse est percipi!” (Meneghetti, 2009, p. 85). *Esse est percipi*, uma pequena colocação reveladora de uma verdade basilar, naturalmente concebida por qualquer pesquisador ontológico, e

³ *Psique* - do grego: eu sopro, respiro (verbo); princípio vital, força vital. Energia causal individuada em unidade de ação (na verificação humana) (Meneghetti, 2012).

Psique - do grego: vida, espírito. 1) A alma ou a mente. 2) [Psicologia] Conjunto das características psíquicas de um indivíduo. = Psiquismo. 3) [Psicologia] Conjunto de fenômenos estudados pela psicologia. = Psiquismo. (Dicionário Priberam. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/psique>. Acesso em: 07 mai. 2018).

simultaneamente instigadora à indagação acerca do real.

Essa afirmação significa “ser é ser percebido”, ou “o ser é o ser percebido” (no mundo contemporâneo se encontram ambas as traduções). Partindo do princípio que toda informação que chega à consciência do sujeito é impactada e racionalizada do ponto único de vista do observador (que é sempre estritamente o próprio sujeito), isso implica em considerar que aquilo que é, é tal qual é percebido por aquele que o percebe. Dito de outra maneira, uma geladeira pode ser alta para aquele que mede 1,5 metro de altura, enquanto pode ser baixa para alguém que meça 1,9 ou 2 metros de altura; enquanto a aparência do objeto muda devido ao ponto de vista a partir do qual é observado, e assim sua atribuição qualitativa varia (alto para um, baixo para outro), ele mantém sua identidade em si, sem quaisquer alterações de quaisquer espécies – a geladeira em si tem uma única altura de fato.

A verdade do objeto em si, portanto, depende da subjetividade do observador. Este, para ser exato, terá que inspecionar o objeto de vários modos e com instrumentos de precisão, o que é feito nas ciências clássicas, e, da mesma forma, terá que *intuir* a verdade daquilo que observa. Intuição é, pois, um saber exato, inalienável, indeformável. Essa é a proposta que Meneghetti apresenta, que se alie a técnica indutivo-dedutiva à técnica intuitiva. Nessa ótica, a intuição é necessária para se realizar conhecimento ontológico, científico ou simplesmente real, em qualquer área.

Este artigo tem ainda o escopo de ser um real material de saber filosófico. Isso significa que há algumas proposições e cadeias lógicas, bem como concepções de ontologia pura. Tais concepções podem ser entendidas como

axiomas, verdades incontestáveis e indubitáveis acerca daquilo que é, portanto, acerca do real modo das coisas; em especial, da “mecânica” natural do universo. Essas verdades são proposições-base que, se contestadas, colocam em crise toda possibilidade cognoscitiva e todo sentido de solidez existencial ou de possibilidade da verdade – como afirmou Descartes, o sujeito não pode duvidar, no momento em que duvida, de que está duvidando. Não há qualquer valor de vida para um humano a ação de contrapor-se logicamente a pressupostos essenciais da natureza. Fazê-lo é atentar contra a própria ordem de vida intrínseca a si mesmo. E essa cognição, aliada ao uso sagaz do campo semântico, frutificou na descoberta do Em Si ôntico: o que é não contradiz ao próprio ser.

Protágoras diz, como se verá neste artigo, que se o homem “julgar a validade de uma proposição em base ao seu grau de *utilidade* e *universalidade*” (Carotenuto, 2007, p. 18), se estará fazendo a melhor filosofia que se poder fazer. Isso se explica pelo reconhecimento do *design* cognoscitivo da mente humana. Racionalmente não se pode conhecer tudo, nem qualquer coisa, mas apenas aquilo que está ao alcance da mente do homem, ou ainda, ao alcance do toque do seu intelecto, ao alcance do seu Em Si ôntico.

2 Fundamentação Teórica

Como o tema dessa pesquisa é a relação existente entre o pensamento pré-socrático e a Ontopsicologia e como aquele é propedêutico a esta, foram realçados, na sequência, os autores mais influentes desse período da filosofia para a Ciência Ontopsicológica.

2.1 Heráclito (540-480 a.C.)

Nasceu em berço aristocrata, mas optou por seguir uma vida distinta daquela que o saber comum havia escolhido para ele. Ao invés de ter vida fácil e criar leis e julgar, iniciou uma jornada de crescer o saber. Em sua busca da verdade criticou o saber comum, como aponta Spinelli (2012, p. 151), afirmando que a “(...) polimatia não instrui a inteligência”, pois o saber enciclopédico empodera a memória, mas não a inteligência e sua capacidade cognoscitiva e criativa, que são eixos estruturais fundamentais da mente humana. Pode-se viver apenas de memórias, mas para alcançar um nível superior é preciso sempre um grande uso de inteligência e criatividade. As críticas de Heráclito, contudo, não demonstravam que fizesse oposição à sabedoria popular, visto que teria dito, também, que “a Cultura é um segundo sol para as inteligências cultivadas” (Heráclito *apud* Spinelli, 2012, p. 151). Logo, ela é imbuída de grandíssima importância, mas não é a fonte primeira de sabedoria e bem viver.

Jaeger (2003, p. 224, grifo nosso), explicita em um fragmento de parágrafo a relevância deste nobre pensador para a filosofia mundial, dando a ideia de que ele foi, ao menos deste modo, um grande:

[...] Heráclito profere estas graves palavras: *A multiplicação dos conhecimentos não proporciona sabedoria*. E cria uma filosofia cujo sentido se encontra expresso na profunda máxima: *Investiguei-me a mim próprio*. É impossível exprimir a volta da filosofia ao Homem de modo mais grandioso do que aquele em Heráclito.

Ao mesmo tempo, Carotenuto (2009) é precisa em seu breve discurso sobre Heráclito. Nele, ela pontua que o filósofo criticava os sábios e os *experts* de seu tempo, pois

conheciam muito, mas não o logos, ou seja, a mais profunda lei natural e universal intrínseca a todas as coisas; isto é, não conheciam a lei da vida. Exatamente é esse o escopo da Ontopsicologia: saber, agir e viver de acordo com essa lei que perpassa todas as outras, que dá possibilidade a qualquer coisa ser do jeito que é e em perfeita harmonia com a ordem de vida base. Não é uma ciência apenas com foco no problema e na sua resolução, mas concentra-se sobretudo na ordem natural que consente a cada momento ao homem ter saúde, vitalidade, energia, satisfação, sensibilidade, fortuna... realização integral. Basta agir a vida no epicentro dessa ordem que se estará a todo momento sendo a ação do ser no projeto homem.

A partir de uma breve introdução ao pensamento e ação intelectual de Heráclito, a autora rapidamente entra na profundidade da sua filosofia: logos é a lei universal por trás de tudo, e é, também, a razão humana e a palavra; é o logos que dá expressão à *nous*, que é o intelecto; “o verdadeiro logos é a linguagem que explica o significado mais profundo das coisas” (Carotenuto, 2009, p. 15). É essa racionalidade que se presencia na Ciência Ontopsicológica, uma racionalidade lógica, mas também intuitiva, isto é, que colhe a essência do real. A experiência de conhecer o logos por trás dos fenômenos (e, em um nível mais alto, o logos por trás das leis universais, o logos em si) é vivida apenas quando aquilo que está *fora* ressoa *dentro* – a ordem por trás de tudo é invisível, mas está em tudo, é tudo, e é também cada indivíduo humano.

Quanto a esse verdadeiro logos, Heráclito explicita que considerava o invisível que rege o visível como superior, pois é esse invisível, esse metafísico que coordena toda a dimensão

física. Quando diz “a harmonia invisível é superior à visível” (Heráclito *apud* Spinelli, 2014, p. 168), se refere a essa harmonia, à perfeita interação entre as leis da natureza que abre a possibilidade de conhecer o real, bem como de prever o que irá acontecer. Caso o caos reinasse, ou seja, se neste universo não houvesse ordem, seria impossível afirmar que quando chove a água cai do céu e que quando chover novamente cairá novamente água do céu; é nosso conhecimento do *logos* real por trás da chuva que permite que conheçamos a chuva e como ela funciona, e que possamos prevê-la e sermos criativos quanto a ela – na construção de telhados impermeáveis, calhas, valas e canos de escoamento etc. Assim ele conclui: “é, pois, um sábio: aquele que conhece o pensamento que governa tudo através de tudo” (Heráclito *apud* Spinelli, 2014, p. 168).

Por fim, um aspecto chave da Ontopsicologia já havia sido formulado e praticado: a *práxis*⁴. Heráclito deixou para a posteridade estas célebres palavras, as quais transmitem uma sabedoria que aparenta ser simples, básica, lógica, mas que por muitos não é praticada. Sem a prática do saber, não se pode atingir o mais alto grau de grandiosidade, independentemente do campo de ação. Afinal, “máxima virtude é ser sábios e a sabedoria consiste em dizer e fazer coisas verdadeiras, compreendendo-as segundo a sua natureza” (Heráclito *apud* Carotenuto, 2009, p. 15).

2.2 Pitágoras (575-497 a.C.)

⁴ *Práxis*, de acordo com o Dicionário Priberam de Língua Portuguesa (c2018), vem do grego *práxis*, que significa ação, transação, negócio. Em filosofia significa “ação ordenada para um certo fim (oposição à teoria)”. Portanto, é a prática inteligente.

Estudou o número e sua presença e função no Universo, declarando o cosmo como “*proporção rítmica, ou seja, música*” (Carotenuto, 2009, p. 14). Esta, a música, é exatamente número, proporção e ritmo – e por trás da proporção e do ritmo está o número; tudo é redutível ao número.

Pitágoras concebia a natureza como inteiramente cognoscível através da matemática (pensamento que, mais tarde, é adotado por Galileu Galilei (1234-5678), o qual é um outro importante pensador para a Ciência Ontopsicológica e para as ciências em geral). Dizia, ainda, que ela é “*a via para o conhecimento da natureza mais profunda das coisas, juntamente com a astronomia e a música*” (Carotenuto, 2009, p. 14). Isto significa que a via para tal qualidade de conhecimento é exata e precisa. As hipóteses, portanto, servem apenas para se encontrar e se testar essa via exata, pois ela é a única a ir ao encontro do mais profundo que há. É esse rigor científico que, mais tarde, se difunde em ambos os hemisférios do mundo moderno e contemporâneo. Da mesma forma, a Ontopsicologia é um instrumento exato para se chegar ao real base intrínseco a tudo que existe.

Isso pode ter incentivado a pesquisa Ontopsicológica voltada para a música. Nesse âmbito, foi criado o movimento artístico OntoArte e publicada, além de Música como Ordem de Vida (2007), a obra Manual de Melolística (2018). Esta trata de teoria e técnicas para reestabelecer, manter e fortalecer a ordem natural da essência do ser humano. Portanto, é musicalidade livre de estereótipos, convenções, projeções e patologias; é musicalidade que transmite apenas harmonia e vitalidade, que é apenas a ordem vital

imanente ao homem, apenas o mais puro da vida, a mais pura vida.

2.3 Anaxágoras (480/463-428 a.C.)

Com seu intelecto atinge um ponto-chave do conhecimento do mundo, da forma como a natureza é. Ele é capaz de perceber a unicidade dos múltiplos do cosmos, como todas as coisas que parecem oposição direta para alguns (tais quais a vida e a morte, que podem ser vistas como diretamente opostas uma a outra, mas, na verdade, se complementam – uma é extensão da outra. De acordo com Carotenuto (2009), Anaxágoras concebe a mecânica natural das coisas do mundo como sendo não uma passagem do não-ser ao ser ou de um qualquer ao seu oposto, mas a concebe como um crescimento contínuo na qual cada coisa passa de um estado real para outro igualmente real. Tais estados podem ou não ser visíveis para o homem, mas, de todo modo, continuam perenemente reais.

Esse raciocínio pode ser justificado pelo seguinte silogismo: 1) o que existe interage apenas com o que existe; 2) o homem existe; 3) o homem interage com o calor, por exemplo; 4) o calor existe. Ou seja, o calor, que é invisível, interage com o sujeito e é capaz de alterar uma realidade visível – ele aquece o objeto, assim fazendo-o expandir; ele queima, assim alterando as propriedades físico-químicas de um objeto qualquer que é queimado.

É ainda, contudo, necessário justificar a primeira premissa, pois por que não se pode interagir o que existe com o que não existe? Bem, se algo não existe, simplesmente não pode interagir. Contudo, é comum que se pense que se pode pensar em algo que não

existe, imaginar algo fantasioso, irreal, inexistente. Portanto: 1) o que existe interage apenas com o que existe; 2) algumas coisas que existem não são concretas (radiação, ar atmosférico, pensamentos...); 3) embora não seja concreta, a imaginação existe na mente de quem imagina; 4) a imaginação interage com quem imagina (pois fantasiar sobre coisas agradáveis gera uma reação espontânea agradável, diferente daquela que surge ao elaborar imagens mentais desagradáveis); 5) a imaginação, portanto, existe. Logo, se um sujeito qualquer visualiza algo que não existe concretamente, solidamente no mundo, esse algo não deixa de existir, não deixa de ser real. Assim, toda vez que um arquiteto desenha uma casa, ele primeiro a imagina, depois a põe no papel, depois a obra é executada – o real passa de uma forma para outra e para outra, mas é sempre real (deve-se notar que a primeira é visível apenas para um, a segunda para alguns, a terceira para muitos; mas é sempre real).

2.4 Protágoras (490-411 a.C.)

Conforme Meneghetti (2012, p. 78), Protágoras desloca o foco da pesquisa filosófica para o homem, especialmente quando afirma que “o homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são pelo que são, daquelas que não são pelo que não são”. Ele deixa claro que isso significa apenas que o próprio homem é a única medida exata para si mesmo, que nada é capaz de ser um critério melhor para o ser humano além do próprio humano. Nesta ótica, trata-se de um modo de pensar no homem como centro de tudo para si mesmo, como centro da própria vida, da própria existência. Além do mais, é

imprescindível conceber o fato de que esse ser critério para si mesmo é válido exclusivamente enquanto “naquela circunstância específica, naquele momento específico” (Meneghetti, 2010, p. 79), afinal, como dizia Heráclito, tudo escorre.

Carotenuto (2009) deixa claro que enquanto a verdade é o tema central do pensamento Protagórico, este o aborda de forma diferente: não se pode, para um humano, alcançar a verdade absoluta, mas a verdade de si mesmo, para si mesmo. De acordo com ela, o filósofo relativiza o conhecimento daquilo que é verdadeiro, pois talvez é incapaz de discernir com a precisão absoluta a verdade contida nos discursos, “mas pode julgar sua validade em base ao seu grau de *utilidade e universalidade*” (Carotenuto, 2007, p. 18). Ou seja, uma proposição é válida se for útil em qualquer ponto do tempo e do espaço, isto é, se facilita ou promove a vitalidade, a inteligência, a realização humana em sentido integral. Em última instância, todo saber humano é obtido a partir do ponto de vista individual daquele que obtém o saber.

2.5 Parmênides (515-440 a.C.)

De acordo com Spinelli (2012), Parmênides de Eléia, um pitagórico, vinha de família rica e usava várias expressões idênticas às de Heráclito. São, portanto, próximos por pensamento, ascendência e fatos linguísticos, embora tenham vivido em cidades muito distantes e não haja evidências de que entraram em contato um com o outro. Provável é que Heráclito tenha se apropriado, direta ou indiretamente, de traços da filosofia de Xenófanés, o qual se tornou mestre de Parmênides, embora não haja segurança

doxográfica quanto a essa característica (Spinelli, 2012).

Sobre este, Carotenuto (2009, p. 13) pontua que “*conhecer e ser* são a mesma coisa, porque *o conhecimento é verdadeiro apenas se é conhecimento daquilo que é: episteme*”. Ou seja, qualquer conhecimento acerca da aparência fluida de algo – fluida, pois se desmonta e se remonta, se transforma com facilidade e volatilidade – não é um conhecimento verdadeiro. Essa aparência é superficial, não demonstra o ser tal qual ele é em seu ponto imutável e que lhe concede sua identidade, por isso Parmênides se posiciona contra a opinião comum, pois ela é baseada em aparência e superficialidade.

Nisto, deve-se notar que a opinião comum difere de senso comum. Como consta em *Da Consciência ao Ser* (Meneghetti, 2014, p. 67-68), este é válido enquanto está de acordo com três critérios: 1) se é constante e universal; 2) se é conforme aos princípios racionais e de inteligência; e 3) se é livre de lugares ou trópicos que geram erros. Isso significa que um dado conceito ou pensamento oriundo e constituinte do senso comum é válido apenas se for consonante com as leis naturais e, portanto, válido em toda a natureza, em todo o universo, e harmônico com o princípio de inteligência presente no ser humano e livre de erros de especificidade – como um juízo do senso comum que surge entre os cristãos e se direciona aos pagãos; este não é um juízo universal, mas específico, e por isso não é válido como conhecimento verdadeiro por se atrelar a uma variável do mundo das aparências. Ou seja, se o senso comum não trai a mais íntima e profunda natureza humana, ele é válido.

Já a opinião comum é, de qualquer forma, inválida por ser opinião, ou seja, por ser um conhecimento baseado em superficialidade. Logo, se usa a racionalidade para elaborar um pensamento “sólido”, correspondente ao real. Mas apenas o processo dedutivo-indutivo não é suficiente. Como afirma Meneghetti, “de fato, ou se intui o ser, ou permanece a vacuidade memética de um *ipse dixit*” (2014, p. 306). Se há esta vacuidade de um “ele disse isso”, não há conhecimento epistêmico. É, de todo modo, necessário saber o real para atuá-lo com inteligência e precisão, agindo criativamente no plano da existência de maneira funcional, alegre e vencedora. Como afirma Meneghetti, a “existência é um dom que exige toda a responsabilidade do existente” (2014, p. 307). Basta responder ao presente da natureza sendo presente na natureza de si mesmo.

2.6 O significado perene de Parmênides de acordo com Antonio Meneghetti

Em um dos capítulos mais densos da obra *Da Consciência ao Ser* (Meneghetti, 2014), o primeiro cientista ontopsicólogo transmite um nível de saber existencial do mais alto grau. Quando o autor afirma que “se somente o ser é, o existir é válido na medida e condição em que se conecta ou implica o ser” (Meneghetti, 2014, p. 305), ele expõe verbalmente uma situação aparentemente delicada. Pois se só o ser é, a constante mutação dos fenômenos da existência constitui-se em constante *estar* no plano temporal. Contudo, em um ínfimo ponto-momento da dimensão existencial do ser, cada pequeno constituinte desse universo, desse cosmo, é. Quando se sai desse ponto,

quando se erra esse ponto, se erra a tensão ôntica de ser pleno na perenidade do ser.

Esse ponto exato se faz sempre exclusivamente no agora, no eterno devir do presente. Dentro desse constante e imutável epicentro de todo o existir se situa o Eu. O Eu é nesse epicentro e em nenhum outro lugar. Quando se projeta ao passado, através de lembranças, quando se projeta ao futuro, através de sonho ou expectativa, ele não é nesses momentos, ele não está nesses momentos: ele é e está no único ponto da história em que existe algo de fato: o agora. Nisso, Meneghetti afirma que “se muitos acreditam poder raciocinar, hipotizar, imaginar, é somente psicodélico de memes sem orgânico, sem apoio” (2014, p. 305), porque o apoio é no que ocorre aqui no agora. O psicodélico de memes é mera projeção mental – mente, do latim *me ente* = o ente que sou; a individuação, o ponto-força, a unidade de ação que é Eu (Meneghetti, 2021); a mente não está no raciocínio ou nas imagens que formula, que projeta ou que aparecem para si, mas está fisicamente estritamente no aqui do agora.

Por isso que a chave do viver é estar presente, pois quando um indivíduo está presente no que faz, ele vive com sua totalidade aquilo, sem estar psicoorganicamente cindido entre aqui e lá. Quando se projeta, não está presente; assim perde o todo do real, pois este só há no agora. A presença é o todo da vida. Conforme Meneghetti (2014, p. 307), “mesmo o instante do Eu sou tem intrínseca toda a eternidade: circularidade total ao ponto que é”. Portanto, este instante do Eu sou é a completude de ser da pessoa; Eu estou devir na existência, Eu sou perenidade no ser.

3 Resultados e Discussão

Com o embasamento teórico do presente artigo se evidencia que há muita sabedoria sublime capaz de moldar não apenas pensamento, mas ação. Aprende-se com Heráclito uma práxis construtora de história ética e valorosa; de nada vale o conhecimento se este não impactar positivamente a humanidade. Com Pitágoras se entende que há uma ordem natural e harmônica por trás de todas as coisas, e que a via para o conhecimento dessa ordem é exata; além disso, com ele se registra um marco na história do conhecimento matemático do mundo, o qual é levado para todas as ciências contemporâneas. Então Anaxágoras traz a noção de que há uma continuidade nos objetos do mundo, ou seja, não existe uma divisão entre o molhado e o seco, por exemplo, mas um é a continuidade da do existir do outro. A mente cataloga, separa, escolhe, mas no mundo da vida todas as coisas se constituem em uma só.

A partir de Protágoras se aprende a fazer ciência com autenticidade, pois se o homem é a medida, então é inútil desconsiderá-lo ao praticar qualquer pesquisa. Vê-se que pode ser importante considerar mais o pesquisador do que o pesquisado, pois é quem analisa que depois dita os resultados. O homem pode projetar-se para fora de si para ter uma noção de como é X para Y, por exemplo, mas a referência última, o ponto de vista primário será sempre ele próprio.

Parmênides, por sua vez, traz a síntese da ontologia consigo; a partir do seu estudo fica visível a discrepância existente entre opinião e ciência, ou seja, entre conhecimento falso ou

superficial e conhecimento verdadeiro: aquele universal e fundamental que permeia e que norteia a todas as coisas. É a busca da compreensão dessa ordem que se deve efetuar, pois só assim se escapa dos falsos juízos e se vive no cerne da intensidade transcendental da vida, no núcleo da potência e do mover-se da existência e do ser, portanto, só assim se vive e se é plenamente.

Por fim, Meneghetti condensa todas as concepções acertadas, todos os modos funcionais de fazer ciência em uma tese única, dando ênfase a Parmênides. Ontopsicologia verdadeira é, afinal, ontologia.

4 Método

Adotaram-se metodologicamente os modos qualitativo, exploratório e bibliográfico de pesquisa, analisando o conteúdo de obras de indivíduos de importância central para o tema e obras de apoio. Como o escopo desta pesquisa é evidenciar passagens da correlação entre a filosofia pré-socrática e a Ciência Ontopsicológica, foram usadas obras de diferentes autores, buscando o ponto de convergência entre as teses pré-socráticas e a ontopsicológica a partir do crivo de diversas mentes. Aplicou-se, também, a técnica dedutivo-indutiva para demonstrar validade lógico-racional de determinadas proposições, bem como a técnica intuitiva, em especial naquilo que diz respeito à ontologia ou que é ontologia, indo, assim, além do que se iria com racionalidade pura, embora esta dê sempre seu veredito, de maneira categórica e estruturada: *isto faz sentido por causa disto, isto não faz sentido por causa daquilo*. Ainda assim, o critério máximo para a verdade é aquele que indica que *isto é assim* ou *isto não é assim*,

portanto, é o intuitivo; por conseguinte, o uso pleno, circular, do método bilógico, ou seja, racionalidade indutivo-dedutiva em colaboração com o Em Si ôntico, cuja informação expressa de modo mais direto é intuitiva, é que evidencia em totalidade a verdade, aquilo que é. Nisto, deve-se notar que *intuição* vem do latim *intus actionis*, e significa *dentro da ação*. Uma vez que o intelecto – do latim *intus legere*: ler dentro (Meneghetti, 2021) – se apropria dessa intuição, portanto a lê, a compreende, o sujeito pode, de fato, saber o ser. Além do mais, ontologia é a busca pelo *logos* do ser, pela ordem intrínseca e transcendente a cada coisa e ao todo, e não se pode realizar real pesquisa ontológica de valor sem intuição, sem saber o ser através do próprio ser, e toda pesquisa que visa o real em si das coisas e das relações entre as coisas deve ser pesquisa ontológica, caso contrário não alcança o saber do fato, mas permanece na descrição fenomenológica deste.

Deve-se notar, também, que neste trabalho se destacam as obras de Meneghetti e Carotenuto, visto que elas se ocuparam, em parte, em evidenciar essa exata correlação pré-socráticos e Ontopsicologia. Os demais autores foram de grande valia para aprofundamentos.

5 Considerações Finais

Afinal se percebe que os juízos pré-socráticos contêm uma gama de concepções de valor intelectual, espiritual e prático. Diversos destes têm grande reversibilidade com tudo aquilo que a Ontopsicologia evidencia, incluso o agir, que, se em conformidade com a harmônica ordem funcional da natureza para o homem, gera,

para este, crescimento, paz, prosperidade. Nisto, pode-se dizer que a fidelidade de ação para com a ordem *a priori* da vida é o bem supremo, pois essa fidelidade é infinita criadora de bem-estar, de sentir-se pleno dentro da própria existência.

Com Heráclito, se vê o aspecto de *última atualidade* com a qual a Ciência Ontopsicológica trabalha. Ao passo que ele defende que tudo escorre e que é necessário praticar a própria filosofia, Heráclito se torna nesse sentido bastante próximo da Ontopsicologia, pois ela é aplicação da técnica no aqui e agora. Se tudo muda a cada ínfimo momento, o passado é válido apenas como fundamentação histórica daquilo que hoje é de tal modo.

Pitágoras discorre acerca das proporções que há no cosmo, pois este, um todo ordenado, é também proporção. Ele abre a mente humana para observar a natureza de maneira matemática, percebendo que cada objeto, independentemente de ser tangível, pode ser descrito com números. Pitágoras inaugura no ocidente o olhar que, com precisão matemática, detecta a harmonia ou desarmonia decorrente das proporções das coisas. É esse modo de ver que permite a cientificidade da arquitetura e da música, mas, principalmente, sua passagem para serem construção humana na ordem do belo da natureza.

Anaxágoras, por sua vez, concebe o mundo como sendo um contínuo real. Com ele aprende-se a observar como a morte não é oposto da vida, mas continuidade desta. O sujo, o lúgubre, o pútrido, são continuidades do que fora brilhante, resplandecente, vívido, como as flores em seu auge, que, caso desfaleçam em meio aquoso, tornam-se pântano. Em cada contexto há vida, ordem e

proporção, mas algumas são mais íntimas àquela ordem de vida própria do ser humano.

A partir do dizer “o homem é a medida de todas as coisas”, de Protágoras, entra-se no grande critério da Ontopsicologia: *Eu*. Apenas o indivíduo, sujeito às infinitas circunstâncias do mundo, pode ser a medida exata para *si mesmo*. Para qualquer outro, ele poderá ser boa medida, mas jamais tendo precisão absoluta.

Com Parmênides conclui-se, por fim, que o grande momento da filosofia dentro do ser individuado é aquele em que há uma relação dialética em perfeita consonância de sentidos entre sujeito e objeto. Faz-se saber real quando se intui o ser, quando faço o saber daquilo que é por aquilo que sou.

Referências

- CANGELOSI, A. Ontologia: de Parmênides a Meneghetti. *In: Revista Brasileira de Ontopsicologia*, v. 3, n. 4, 2023. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/78>.
- CAROTENUTO, M. **Histórico sobre as teorias do conhecimento**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2009.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. c2018. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/>. Acesso em: 28 ago. 2018.
- JAEGER, W. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MENEGHETTI, A. **Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2014.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2021.
- MENEGHETTI, A. **Direito, Consciência, Sociedade**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2009.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editora Universitária, 2010.
- NEU, W. M. F.; MACHADO, M. R. Einfühlung e campo semântico: uma investigação fenomenológica de suas diferenças e aproximações. *In: Saber Humano*, v. 10, n. 16, 2020. <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/441>.
- OLIVEIRA, L. G.; SILVA, B. F. O Líder e a Dianoética: as duas virtudes do intelecto e a excelência da ação. *In: Revista Brasileira de Ontopsicologia*, v. 2, n. 3, 2022. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/67>.
- ROCKHENBACH, C.; VIDOR, A. Psicologia e Ontologia. *In: Revista Brasileira de Ontopsicologia*, v. 2, n. 3, 2022. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/65>.
- SILVA, B. F. Uma visão unitária do real: o contato em Ontopsicologia. *In: Revista Brasileira de Ontopsicologia*, v. 3, n. 4, 2023. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/75>.
- SILVA, B. P.; SILVA, B. F. Filosofia Pré-Socrática e Ontopsicologia: uma fundamentação filosófica. *In: FUNDAÇÃO ANTONIO MENEGHETTI (Org.). Ontopsicologia: ciência interdisciplinar – Volume IV*. Recanto Maestro: Fundação Antonio Meneghetti, 2019.

SOUZA, A. M. B. Realidade ontológica: os quatro princípios ônticos. *In: Revista Brasileira de Ontopsicologia*, v. 2, n. 3, 2022. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/66>.

SPINELLI, M. **Filósofos Pré-Socráticos**: primeiros mestres da filosofia e da ciência gregas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2012.

VIDOR, A. Pesquisa em Ontopsicologia. *In: Revista Brasileira de Ontopsicologia*, v. 3, n. 4, 2023. Disponível em: <https://revbo.emnuvens.com.br/revbo/article/view/77>.

ZENORINI, P. Verso l'Umanesimo Perene. *In: Saber Humano*, v. 11, n. 18, 2021. Disponível em: <https://saberhumano.emnuvens.com.br/sh/article/view/485>.